

# **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE PEDAGOGIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA**

Fortaleza – CE – Maio/2014

Rochely Silva de Lima Saraiva – Senac CE [rochelysilva@ce.senac.br](mailto:rochelysilva@ce.senac.br)

**Classe: Investigação Científica**

**Setor Educacional: Ensino Superior**

**Classificação da área de Pesquisa: Ensino e aprendizagem em EAD**

**Características de Aprendizizes**

**Natureza do Trabalho: Descrição de projeto em andamento**

## **RESUMO**

*O presente artigo baseia-se na pesquisa de doutorado em Avaliação Educacional que se encontra em andamento. O estudo é realizado em um curso de licenciatura na modalidade a distância – EAD (semipresencial), de uma Universidade Pública do Estado do Ceará em consórcio com a Universidade Aberta do Brasil – UAB. O objetivo dessa investigação é compreender as percepções dos estudantes acerca do processo de avaliação do ensino-aprendizagem na modalidade a distância. São utilizados como aporte teórico os estudos Scriven (1973), que trata das concepções de avaliação formativa, e Merleau Ponty (2006) com a Fenomenologia da Percepção. O trabalho se baseia em quatro (4) turmas de Pedagogia de 2009 e 2010 nos municípios de Maranguape e Campos Sales, com amostra de 24 estudantes. Os dados revelam que os estudantes possuem visão pessimista do processo de avaliação no referido curso, que o fazer avaliativo é tradicional,*

*autoavaliação subutilizada e existência de uma prova final orientada pela legislação em vigor. Com isso, afirma-se a predominância da primeira geração de avaliação e, com essa constatação, urge a reflexão e a adoção da avaliação formativa com instrumentos adequados para aprendizagem significativa, contextualizada, que desenvolva uma postura autoformativa e autônoma do estudante.*

**Palavras-chave: Formação de Formadores; Educação a Distância; Avaliação.**

## **1 INTRODUÇÃO**

A Educação a Distância (EAD) é uma modalidade de ensino que cresce no Brasil em diversas áreas do conhecimento. Considerando sua potencialidade em desenvolver-se em diversos níveis de ensino como regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, com base no Artigo 80 e pelos Decretos 2.494 e 2.561, de 1998, ambos revogados pelo Decreto 5.622, e, pela abrangência geográfica, torna-se atualmente uma efetiva estratégia de difusão de saberes e formação continuada.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) 2013 mostram que em 2011 o número total de matrículas de estudantes no ensino superior atingiu 17, 3%. Na modalidade a distância verificou-se 992.927 estudantes matriculados, sendo 428.277 concentradas na área de Educação.

Já as informações do CENSO EAD.BR (2012), organizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), 2013, mostram que a instituição formadora com os cursos na modalidade EAD chega a 26% das instituições públicas e que 17% das ofertas de cursos concentram-se nas áreas de Ciências Humanas/Educação. Diante desses cenários, acreditamos que a graduação, bem como as licenciaturas, como o curso de Pedagogia, firma-se como uma oportunidade ímpar de ampliação da formação docente.

Considerando essa perspectiva, a referida pesquisadora atuou como tutora de cursos *on-line* tanto de especialização como de graduação, e a inquietação acerca do processo de aprendizagem e da avaliação em cursos na modalidade a distância a preocupava a ponto de despertar-lhe o desejo de

investigar esse tema. Então, por ocasião do doutorado, surge o problema de sua investigação: Como os estudantes de Pedagogia vivenciam o processo de avaliação do ensino-aprendizagem na modalidade a distância?

Diante dessa interrogação, para esse trabalho, elegeu-se como objetivo compreender as percepções dos estudantes acerca do processo de avaliação do ensino-aprendizagem na modalidade a distância.

## 2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A Educação a Distância surge no Brasil antes mesmo de 1900, com cursos profissionalizantes oferecidos por professores particulares com base no estudo por correspondência e evolui de geração em geração com a inserção de televisão, computadores e internet. Essa modalidade, segundo o Decreto 5.622/ 2005, é definida como:

[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005, p. 1).

Dessa forma se ratifica a importância de disseminação de conhecimentos e, principalmente, a quebra de uma visão fragmentada e inconsistente que se tinha das formações a distância. Mas, diante desse cenário promissor, como se configura a prática avaliativa na modalidade EAD? Ela se apresenta de modo tradicional ou renovado? Vejamos, então, a relação da formação a distância com o paradigma da avaliação formativa.

A avaliação como princípio de aprendizagem é uma temática muito discutida, não só pelo contexto histórico que remete à lembrança de práticas opressoras e classificatórias, mas, principalmente, pela busca de uma prática avaliativa mais democrática, ética, transparente e formativa.

Michael Scriven (1981), filósofo de formação, foi considerado o pai da Avaliação Formativa, introduzindo as funções da avaliação direcionadas a programas educacionais, são elas: diagnóstica, formativa e somativa.

Aplicadas na aprendizagem do estudante, podemos caracterizá-las da seguinte forma: **1. Diagnóstica** - detecta a existência ou não de pré-requisitos

indispensáveis para a efetuação da aprendizagem; **2. Formativa** - fornece informações para auxiliar o estudante em suas tarefas, visando à superação dos problemas; além disso, regula processos, reforça êxitos e gera aprendizagens; **3. Somativa** - informa a respeito do valor final do desempenho do estudante.

Nessa perspectiva, percebe-se que as funções didático-pedagógicas da avaliação são complementares (diagnóstica, formativa e somativa), funcionando de modo espiral e processual. Assim, pode-se compreender que a avaliação é uma ação pedagógica necessária à qualidade do processo de aprendizagem.

Diante disso, indaga-se: É possível efetivar a prática da avaliação formativa em cursos a distância? De acordo com os referenciais de qualidade,

Na educação a distância, o modelo de avaliação da aprendizagem deve ajudar o estudante a desenvolver graus mais complexos de competências cognitivas, habilidades e atitudes, possibilitando-lhe alcançar os objetivos propostos. Para tanto, esta avaliação deve comportar um processo contínuo, para verificar constantemente o progresso dos estudantes e estimulá-los a serem ativos na construção do conhecimento. Desse modo, devem ser articulados mecanismos que promovam o permanente acompanhamento dos estudantes, no intuito de identificar eventuais dificuldades na aprendizagem e saná-las ainda durante o processo de ensino-aprendizagem (BRASIL, 2007, p.17).

Essa orientação leva-nos a pensar que a prática avaliativa deve romper com o modelo classificatório e quantitativo dos exames e pressupõe uma abertura ao paradigma formativo, no qual os sujeitos (estudante e professor-tutor) estabelecem convívio salutar no processo de avaliação. Já o estudante assume uma postura ativa, visto que ele é corresponsável pela construção e reconstrução do conhecimento, e essa dimensão de refletir e agir diante das próprias autorias vai estabelecendo uma arquitetura avaliativa individualizada e personalizada.

A pergunta que se impõe é: como os alunos estão percebendo a importância da avaliação formativa?

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O *lócus* da pesquisa foi uma instituição pública com experiência na formação superior de professores tanto presencial como a distância. Com

intenção de ampliar a formação de docentes, surge em 2009 o curso de Licenciatura em Pedagogia em EAD (semipresencial) em consórcio com UAB, ofertando para aquele ano oito (8) turmas distribuídas em vários municípios do Ceará e ampliando novas ofertas em 2010.

O universo da pesquisa foi formado pelos estudantes de quatro (4) turmas de pedagogia, duas em cada ano de 2009 e 2010, nos polos de Maranguape e Campos Sales. Para esse estudo utilizamos os dados de 24 entrevistas, sendo onze (11) em Maranguape e treze (13) em Campos Sales.

Para coletar os dados com os estudantes utilizou-se a entrevista semiestruturada. Eles tiveram ampla liberdade de incluir aspectos não previstos na entrevista, enriquecendo, dessa maneira, a visão do fenômeno.

Para análise dos dados foram utilizados os métodos específicos de compreensão dos fenômenos no campo fenomenológico tomado como a escola. Ponty (2006) definiu um método com o qual é possível chegar ao conhecimento dos fenômenos nesse campo.

#### **4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Foram realizadas interlocuções do referencial teórico com a percepção dos estudantes de pedagogia e, para análise, utilizou-se como fundamento metodológico a fenomenologia da percepção. Mas o que é fenomenologia? Merleau-Ponty define que

a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua 'facticidade'. (MERLEAU-PONTY 2006, p.1).

Considerando essa perspectiva, utilizou-se os elementos de análise ratificados por Ponty (2006).

**A percepção** – Quando se analisam os dados no enfoque da percepção, esta não deve assumir posição dogmática, pois se trabalha num campo mutante. Tudo se entrelaça a cada passo do processo perceptivo, um envolvimento direto pré-reflexivo que cada pessoa experimenta diretamente com as coisas.

Procurando analisar as respostas por essa ótica, viu-se que os estudantes sinalizam posições diferenciadas acerca da avaliação, vejamos:

Já o conceito de avaliação eu não gosto muito porque assim tem dia marcado, é marcada a avaliação, que dizer a avaliação não é do processo, é a avaliação, daquele momento, que dizer torna obrigatório eu estudar só pra ser avaliado, eu não gosto não [...] (E10).

A avaliação que é feita conosco ainda é feita na antiga, na educação passada [...] a prova, aquela prova é passada e dali é a avaliação do aluno, eu posso decorar, mas eu decorando não quer dizer que eu entendi [...] (E01).

Como se observa, a percepção sobre avaliação é limitada em relação ao sua definição, e ora se confunde com os instrumentos de avaliação. Há um depoimento, todavia, que aponta para um conceito interessante de avaliação, conforme se pode ler a seguir:

Para mim avaliação da aprendizagem [...] não se mede (porque) ela não tem tamanho, ela não tem massa, não tem espessura, ela se conquista [...] (E09).

Com base na declaração, deduz-se que o depoente está percebendo que a avaliação praticada situa-se na primeira geração da avaliação, ao afirmar que ela não é algo físico, mensurável (GUBA; LINCOLN, 1989, apud ESCUDERO ESCORZA, 2003). A avaliação, portanto, segue os moldes tradicionais, em que pese ao ambiente tecnológico em oferecer variados meios para criar novas experiências avaliativas.

A estudante explicita o esquema de avaliação adotado:

[...] a nossa avaliação é o seguinte tem a prova, a prova é 50 % da média, as atividades que envia no ambiente é 40% da média e a auto – avaliação é 10% da média, juntando aí é que vai dar a média. Que eles falam. Que a gente quando junta não dá que a matemática é igual o cálculo da, a matemática da habitação né?!Que ninguém sabe a fórmula, mas dá (E01).

Então, vê-se, facilmente, que se trata de um modelo de avaliação baseado em quantificação dos conhecimentos exibidos, contrariamente ao que defendem Perrenoud (1999) e Hoffman (2005).

De acordo com os depoimentos, a rede EaD estudada emprega vários tipos de avaliação, tais como provas tradicionais, autoavaliação, atividades a distância, uso de *chats* e fórum. Essa conformação de ensino é o que se denomina de *blended-learning* que, numa tradução livre, significa aprendizagem composta, na medida em que emprega vários meios para promover aprendizagem. Nessa perspectiva, existem semelhanças com a forma tradicional de avaliação. No entanto, há que se ponderar sobre que forma de avaliação deve ser utilizada em Ead, dada sua especificidade.

A autoavaliação é vista assim:

Na avaliação presencial tem professores que vão bem. Além disso, tem professores que vão captar nossos pensamentos durante as aulas, aí depois disso é que eles também se posicionam, né? E também tem a autoavaliação que eu não gosto muito da autoavaliação, embora seja uma prova que tenha um caráter muito interessante [...] (E07).

A auto-avaliação ele nos permite saber se realmente tá conseguindo atingir àqueles objetivos, se está sendo assíduo, se realmente se tornou uma aprendizagem significativa, então eu acredito que os instrumentos que existem dentro do formato de Ead eles estão dando esse feedback (E09).

A expressão “captar nossos pensamentos” merece análise. Numa primeira aproximação, pode-se supor que esses professores tentam fazer diagnóstico para identificar conhecimentos e deficiências a fim de programarem suas atividades. Ademais, não é despropositual afirmar que eles observam respostas dadas pelos estudantes para que suas reações possam estabelecer um processo de compreensão mais profunda o que lhes ofereceriam informações significativas para promover a aprendizagem em sala de aula.

Há opinião diferente do depoente acima:

A autoavaliação, no início, até que eu me empolguei e respondia criteriosamente a tudo; depois que eu fui vendo, fui percebendo que ninguém lia aquilo, que ninguém lê porque desde o início do curso é a mesma pergunta e as mesmas respostas tudo continua do mesmo jeito então, **eu entendi que ninguém lê aquilo** (E07; grifo meu).

A pergunta que fica sem resposta é: por que a autoavaliação, mesmo sendo interessante, o depoente não gosta? Algumas possíveis respostas podem ser encontradas em outras perguntas: o instrumento de autoavaliação é

bem elaborado? É de livre resposta ou segue um roteiro? Mais adiante esse problema retornará à discussão.

Essas questões sugerem que os professores devem concentrar sua avaliação no que foi lecionado em sala de aula, com a utilização de critérios bem definidos e no emprego de observação sistemática do comportamento dos estudantes e na relação com os outros, seus colegas (LAVILLE; DIONE, 1999).

Com efeito,

O ato de avaliar implica coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado com um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objeto (SAVIANI, 1995, p.92).

Ao interagir com o estudante, o professor poderá aferir o esperado e efetivamente apreendido por ele em suas avaliações.

Quanto a Fé perceptiva Ponty (2009) defende a ideia de que há, sim, um tipo de fé, com a qual é possível se chegar ao conhecimento dos fenômenos. Ele parte do pressuposto de que inexistente conhecimento ou verdade acabado, definitivo, em qualquer momento, na medida em que sempre haverá o contraponto ao que é visível, isto é, o invisível, que pode ser intuído, acreditado, mas, nem sempre, de todo revelado. O conhecimento verdadeiro está sempre na dependência das condições do binômio *perceber – ser percebido*.

Nos depoimentos de alguns estudantes são indicados como deveriam ser a avaliação presencial e a autoavaliação:

[...] a avaliação poderia ser feita no conjunto desde a frequência, assiduidade e participação e o interesse do aluno, a participação dele nos trabalhos de estudo em grupo e mesmo na aula no fórum de integração, na pontualidade, em tudo, deveria ser o pacote, a avaliação deveria ser o pacote global e não você passar a disciplina todinha fazendo isso e isso, e na hora só vale aquilo (E01).

[...] agora os critérios de avaliação é que devem ser repensados em algumas instituições e por alguns professores porque nós podemos ter várias formas de avaliar um aluno: você pode observar a prática dele em sala de aula, da participação dele, você pode observar se ele tem dificuldades de resolver atividades e através da prova escrita que também é um instrumental, não escapa essa questão, que muitas pessoas se baseiam, a prova não prova nada. (E06)

Agora se você avaliar o aluno como um todo pela sua participação, sua interação, pelo seu conhecimento e em várias outras coisas, pelo seu trabalho, pela sua disposição, então eu acho que é por aí (E12).

Segundo esses estudantes existe descompasso entre o que é praticado nas aulas e o que é avaliado. Trata-se, portanto, de contradição entre o emprego de meios disponíveis e empregados. A ideia é que haja integração na avaliação de tudo o que foi trabalhado no dia a dia das aulas, o que mostra ausência do que se denomina avaliação formativa da aprendizagem (HADJI, 2001; PERRENOUD, 1999).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados mostram a prática de um tipo de avaliação tradicional, quantitativa, desprezando a riqueza de instrumentos que as tecnologias da informação põem à disposição do professor, o que ratifica a avaliação na primeira geração citada.

Considerando o ambiente virtual de aprendizagem, Moodle traz recursos interativos que oferecem funcionalidades no acompanhamento das produções dos sujeitos, sejam individuais, coletivas, ou até mesmo em testes *on-line* ou presencial, conforme legislação em vigor. Por isso, o ideal é utilizar diversas ferramentas, como correio, fóruns, lista de discussão, portfólios, seminários virtuais, *chats*, pesquisa *on-line*, diário etc., elaborados com o objetivo de problematizar situações desafiadoras, promovendo, assim, a aprendizagem.

Além disso, a autoavaliação é outra forma de atuação do estudante na construção de seus saberes e no acompanhamento de sua trajetória. As informações postadas são geradas por meio de relatórios (de acessos, de frequência, de atividades) e analisadas pelo professor-tutor buscando os ajustes e melhorias no processo de aprendizagem. Essa forma de avaliar na educação a distância por meio de inúmeros recursos confirma a tese de que provas sozinhas são insuficientes, e, portanto, devem vir acompanhadas de outros instrumentos, com intencionalidade formativa, de modo a redirecionar os caminhos e fomentar uma avaliação processual, participativa e motivadora.

## 6 REFERÊNCIAS

ABED. Censo EAD.BR: **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2012**. Associação Brasileira de Educação a Distância-ABED. Curitiba: Ibpex, 2013.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Decreto Nº 2.494**, de 10 de fevereiro de 1998, regulamenta o Art. 80 da LDB 9394/96.

BRASIL. **Decreto Nº 2.561**, de 27 de abril de 1998.

BRASIL. **Decreto Nº 5.622, de 2005**, regulamenta o Art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. MEC – Secretaria de Educação a Distância, 2007.

ESCUADERO ESCORZA, T. **Desde los tests hasta la investigación evaluativa actual**. Un siglo, el XX, de intensi desarrollo de la evaluación en educación. *Relieve*. v. 9, n. 1, p.11-43, 2003. Disponível em: [http://www.uv.es/RELIEVE/v9n1/RELIEVEv9n1\\_1.htm](http://www.uv.es/RELIEVE/v9n1/RELIEVEv9n1_1.htm). Acesso em: fev./2008.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

INEP. **Censo da educação superior: 2011 – resumo técnico**. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Porto Alegre: Artmed, 1999. Reimpressão 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice . **A fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Visível e o invisível**. Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da Excelência à Regulação das Aprendizagens – entre duas lógicas**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999. Reimpressão 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico – Crítica: primeiras aproximações**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

SCRIVEN, Michael. **Avaliação Educacional II: perspectivas, procedimentos, alternativas**. Petrópolis: editora Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. **The methodology of evaluation**. In WORTHEN, B. R.; SANDERS, J.R. *Educational evaluation:theory and practive*.Belmont, CA: Waswort, 1973.